



TAMBÉM CONHECIDO COMO PALÁCIO DE TÁBUAS, O CATETINHO É VISITADO POR TRÊS MIL PESSOAS A CADA MÊS, EM MÉDIA. EM MESES COMO ABRIL E NOVEMBRO, ESTA MARCA CHEGA A DOBRAR

Gustavo Mariani

Amãhã, dia 10, tem bodas de ouro no Cerrado. E quem a celebra é um palácio de tábuas, o Catetinho, que chega a meio século de vida abrigando muitas histórias e lendas. A principal delas: JK chega ao Planalto Central para inspecionar as obras da futura capital do País e, na escada do avião, ouve o que, digamos, seria traduzido assim na linguagem da Brasília de hoje: "Presidente! Vai rolar uma parada maneira hoje, na boca da onça. Fique frio! É lance legal".

O forrobodô seria a inauguração do primeiro palácio presidencial da cidade, a boca da onça era o quintal da casa que se construía e o lance da hora uma balada de arrepiar. No mais, teria sido tão bom o arrastapé, que o presidente Juscelino Kubitschek dançara e cantara a noite toda.

"Absolutamente linda!". Quem exclama esta garantia é o último dos membros vivos da primeira diretoria da Novacap, Ernesto Silva: "O que houve foi uma seresta bem-comportada. Quem cantou foi o César Prates e quem tocou foi o violonista Dilermando Reis, que não se esqueceu do 'Peixe Vivo', a música preferida do presidente".

Localizado às margens do quilômetro zero da Rodovia BR-040, o Catetinho foi construído em dez dias. Suas paredes testemunharam JK expedindo os primeiros atos da construção de Brasília, almoçando galinha ao molho pardo (no dia da inauguração da casa) e quebrando jejuns com simples café-com-leite, pão-com-manteiga e bolacha de sal.

"As vezes, chegava uma seriema e roubava um pão de cima da mesa", contam pelos bares do Núcleo Bandeirante, o que Ernesto Silva jura ser também mais uma lenda inventada pelos candangos. "O presidente vinha sempre à noite, depois dos despachos no Rio de Janeiro. Tomava o café rápido e saía com Israel Pinheiro (presidente da Novacap) para inspecionar os canteiros de obras. Nunca vimos seriemas rondando a mesa de refeições", garante.

O Catetinho foi gerado durante os trabalhos de uma de uma sessão etílica, entre boêmios amigos de JK, no bar do Hotel Ambassador, no Rio de

Janeiro. Entre um gole e outro, uma dose continha a idéia de criar uma residência provisória para o presidente na futura capital. O arquiteto Oscar Niemeyer riscou logo a sua primeira obra para Brasília, que os cariocas apelidaram de Palácio de Tábuas, e os boêmios arranjaram grana emprestada para tocar as obras, executadas entre 22 e 31 de outubro de 1956.

"Pegaram 500 mil cruzeiros no Banco de (do Estado) Minas Gerais, dinheiro que depois nós (a direção da Novacap), os reembolsamos. Não achávamos justo tais despesas ficarem por conta deles - José Ferreira de Castro, João Milton Prates, Dilermando Reis, César Prates, Emydio Rocha, Roberto Pena, Vivaldo Lyrio, Osório Reis, Agostinho Montandon e Oscar Niemeyer - os pais da idéia", lembra Ernesto Silva.

Área cercada pela natureza

Do final da construção do Catetinho ficou uma outra discussão: JK não estava muito a fim de continuar tendo barracas de lona por base em Brasília, e falou sobre isso com seu piloto (João Milton Prates) e Oscar Niemeyer. A outra versão diz que o Catetinho foi um presente surpreendente. "Nós, os diretores da Novacap (Israel Pinheiro, presidente, Ernesto Silva e Íris Memberg) e o presidente não sabíamos de nada", jura Ernesto.

O Catetinho fica em uma área banhada por uma mina d'água e cercada por jatobás, ipês, cedros, sucupiras e muitas outras árvores. Seu apelido foi idealizado por Dilermando Reis, em alusão ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, onde residiam os presidentes da República até então. Nesta sua primeira casa no Cerrado, JK recebeu muitas visitas ilustres, entre elas o presidente de Portugal, Craveiro Lopes. Aí entra uma outra lenda: uma visita da rainha da Inglaterra, que teria até adorado os mineirinhos pães-de-queijo lhe servidos na cozinha do palacinho. "Quando a Rainha Elizabeth veio a Brasília, o presidente JK já estava casado, no exílio", corrige o jornalista e pesquisador Jarbas Marques, chefe do Patrimônio Cultural e Artístico do DF.

REPRODUÇÃO



JK COM O PADRE ROQUE, UM DOS PIONEIROS DA CAPITAL

MINERVINO JUNIOR



ERNESTO SILVA DESMISTIFICA ALGUMAS LENDAS CONTADAS

Tombado em julho de 1959

Tombado pelo Patrimônio Histórico, a pedido de JK, em julho de 1959, o Catetinho pode ser visitado, diariamente, das 9h às 16h. A sua média de visitação mensal passa dos três mil turistas, mas em meses como abril (aniversário da cidade) e novembro (da casa) isso dobra. "No ano passado, registramos mais de 60 mil visitantes. Neste ano, em janeiro e fevereiro, provavelmente, impulsionado pela exibição (na TV Globo) da minissérie "JK", o número de visitantes subiu bastante", revela Marta Shuster, diretora do museu do Catetinho.

De sua parte, José Maria Spíndola, servidor do conjunto desde 1974, diz ter ouvido muitos comentários de turistas sobre a presença de JK na casa, com alusões à minissérie. "A curiosidade (dos turistas) aumentou", confere Spíndola. "Foi a curiosidade que me trouxe até aqui", confirma Maria Clarete Soares Almeida e Carvalho, de 52 anos, moradora em Montes Claros (MG). Ela visitou o Catetinho, pela primeira vez, no domingo passado, dizendo-se "uma conterrânea que gosta de ver de perto tudo o que marcou a vida de JK. Amigo da "mineira curiosa por JK", Asterivaldo Coimbra de Novais, de 36 anos, conheceu o Catetinho também no domingo passado.

Embora provoque lendas, o Catetinho passa também despercebido por alguns brasilienses. Caso do estudante universitário (de Química) Luiz Fernando, de 20 anos. Ele foi "laçado" pela namorada Aline Jesuino, uma goiana também de 20 anos e estudante (de Letras), para visitar o museu. "Um vacilão. O cara nasce em Brasília e não conhece uma parte tão importante da história de sua terra. Eu já vim várias vezes aqui, e gosto muito de ver o quarto onde o presidente dormia", entrega Aline, enquanto Fernando prefere a dúvida histórica. "Será que aquilo tudo que contaram na minissérie sobre o presidente é verdade?", indaga, se referindo aos casos dos namoros escondidos com uma amante pelas salas e quartos de dormir do Catetinho.

Por falar em quarto de dormir, quem foi vizinho de quarto de JK e Israel Pinheiro nas madrugada do Catetinho foi Er-

nesto Silva, que tornou-se amigo do presidente por "quebrar-lhe um galho" como chefe interino da Comissão de Localização da Nova Capital. "O presidente dormia tarde e só tratava de serviço. No dia (19.10.1956) em que ele (JK) sancionou a lei que permitia ao governo criar uma empresa imobiliária (Novacap) para construir Brasília, eu lançava o edital do concurso do plano piloto da cidade. Ele gostou do meu trabalho, nomeou-me diretor da Novacap e por aí surgiu a nossa amizade", conta Ernesto.

Tempo de permanência

O tempo de permanência de JK no Catetinho também causou discussões. Fala-se em menos de três e também em seis meses. Ernesto Silva fica com a segunda hipótese. "Foram seis meses. Depois, construiu-se um segundo Catetinho, bem maior, ao lado do palácio pioneiro, para dar mais conforto para o presidente" diz ele, acrescentando que o segundo Catetinho foi cedido ao empresário Sebastião Camargo, que o desmontou e o montou em sua chácara, no Park Way. "Tempos depois, ele (Camargo) vendeu o terreno, e o novo dono destruiu a réplica maior do palácio", lamenta.

Em 1995, o Catetinho estava sendo devorado por cupins. A então secretária de Turismo e hoje governadora do DF, Maria de Lourdes Abadia, pediu socorro à Universidade Rural do Rio de Janeiro, que diagnosticou a situação. Criou-se uma comissão de salvamento, arrecadou-se dinheiro na iniciativa privada e, um ano depois, o palacinho era devolvido ao povo de Brasília.

Além dos objetos e mobiliário da época em que JK o habitou há também muitas fotografias históricas no Catetinho. No seu traçado, Niemeyer colocou uma varanda onde ficam a sala de reuniões e o quarto de dormir de JK. A construção, em sentido longitudinal, ganhou linhas modernas para a época, com pilotis no térreo e um pavimento superior de planta retangular. Na parte alta ficam quatro suítes, dois quartos, uma sala para os atos presidenciais e um bar - santeo bar. Se isso não existisse, onde os boêmios iriam pensar um palácio de madeira?